

## VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NO PB E NO PE\*

Isabel de Oliveira e Silva MONGUILHOTT<sup>1</sup>

*ABSTRACT: In this paper we present the results of an investigation on the variation in third person plural verb agreement in samples of Brazilian Portuguese (BP) and European Portuguese (EP). The corpus of this research is composed of thirty-two interviews - sixteen with informants from Florianópolis (BP) and sixteen from Lisbon (EP). The general results show, on one hand, different percentages of variation in third person plural verb agreement, with higher marking values for EP. Conversely, the statistical analysis shows similarities between the syntax of BP and EP in regards to postponed subject, the internal argument of unaccusative verbs, marked preferably with [-human] trace. This syntactic context leads to the non-marking of third person plural verb agreement.*

*KEYWORDS: Verb agreement; language variation; pluridimensional dialectology.*

### 1. Introdução

A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro (PB) vem sendo estudada, à luz da sociolinguística variacionista, desde a década de 70, com o trabalho precursor de Lemle e Naro (1977). No português europeu (PE), estudos nos moldes labovianos já não são tão recorrentes como no PB, embora alguns estudos sobre a concordância verbal de terceira pessoa do plural já apontem variação, no que se refere a esse fenômeno, desde a década de 50<sup>2</sup>. Os estudos do PE na área de sintaxe desenvolvidos por europeus situam-se, basicamente, na linha da linguística formal.

Nesta pesquisa, cujo quadro teórico se constitui, de um lado, de pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (TVML), (cf. WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994) e de, outro lado, de pressupostos da Dialetoлогия Pluridimensional (cf. RADTKE e THUN, 1996; THUN, 1998; BELLMANN, 1999), pretendemos investigar e mapear o fenômeno da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE em uma amostra sincrônica.

A TVML, proposta por William Labov (1966), aborda a estrutura e evolução da linguagem num contexto social da comunidade de fala, partindo do pressuposto de que a variação na fala de indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade linguística é sistematizada, i.e., toda variação é condicionada por fatores de ordem diversa, e a mudança linguística resulta desta variação.

A perspectiva da dialetologia pluridimensional, adotada neste trabalho, visa à investigação da variação da língua na dimensão geográfica e também na dimensão social. Acreditamos que essa nova perspectiva da dialetologia permite um trabalho associado à

---

\* Este artigo resulta de parte das discussões apresentadas na tese de doutorado de Monguilhott defendida em 2009, orientada pela Professora Doutora Izete Lehmkhul Coelho.

<sup>1</sup> Professora Doutora da Universidade Federal do Amazonas em exercício provisório na Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Alguns estudos realizados por portugueses indicam a variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural como Mateus (1954), Cruz (1991) e Alves (1993 – realizado em 1965). Todos eles estão referidos em Naro e Scherre (2007).

perspectiva da sociolinguística variacionista para a investigação da heterogeneidade lingüística, já que, como Thun (1998) evidencia, a dialetologia pluridimensional é formada pela superfície dialetológica horizontal (variação geográfica) e pelo eixo vertical da sociolinguística (variação social), analisando, então, os planos vertical e horizontal da linguagem e suas relações.

Dentro desta perspectiva teórica, temos como objetivos (i) analisar grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos que possam estar condicionando a variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE e (ii) realizar um estudo comparativo para investigar o encaixamento lingüístico e social da concordância verbal de terceira pessoa do plural no português falado no Brasil e em Portugal.

Levantamos como hipóteses gerais: (i) a variação do fenômeno da concordância verbal é condicionada muito mais por grupos de fatores lingüísticos do que extralingüísticos, tanto no PB, quanto no PE (cf. MONGUILHOTT, 2001<sup>3</sup>); (ii) acreditamos que o PE se mostrará mais conservador na marcação da concordância verbal, apresentando frequências maiores de marcas explícitas de plural nos verbos do que as frequências que serão encontradas no PB (cf. NARO e SCHERRE, 2007).

Nosso artigo está assim organizado: na próxima seção definimos os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, na seção 3 apresentamos a análise e a discussão dos resultados, e, por fim, na seção 4 tecemos algumas considerações.

## 2. Procedimentos metodológicos

Definimos, nesta seção, os procedimentos metodológicos adotados para esta pesquisa. Inicialmente, definimos a amostra da pesquisa, e, em seguida, apresentamos as variáveis dependentes e as variáveis independentes.

A amostra para esta pesquisa compreende um *corpus* de dados sincrônicos coletado em quatro localidades de Florianópolis (PB) e em quatro localidades de Lisboa (PE). As localidades de Florianópolis selecionadas para esse *corpus* foram: Ribeirão da Ilha e Costa da Lagoa, na zona não urbana, Ingleses e Centro, na zona urbana, e as localidades de Lisboa, Cascais e Sintra, na zona não urbana, Belém e Centro, na zona urbana.

A coleta em Florianópolis foi realizada durante o segundo semestre de 2006 e o primeiro semestre de 2007 e a coleta feita em Lisboa, durante estágio de doutorado no exterior no segundo semestre de 2007<sup>4</sup>, deu-se de modo a constituir uma amostra o mais comparável possível àquela do PB que já havia sido selecionada anteriormente.

Os informantes que constituem a amostra desta pesquisa foram estratificados de acordo com idade e escolaridade. Para cada ponto selecionado temos quatro informantes, dois deles com idade entre 15 e 36 anos e dois com idade entre 45 e 76 anos, dois deles com ensino fundamental e dois com ensino superior.

Foram analisados todos os dados de construções que apresentavam variação na concordância verbal de terceira pessoa, extraídos de cada uma das trinta e duas entrevistas que apresentaram duração média de cinquenta minutos.

---

<sup>3</sup> Embora nossa hipótese seja tanto para o PB, quanto para o PE, os resultados de Monguilhott (2001) que correspondem à nossa hipótese referem-se somente ao PB.

<sup>4</sup> O estágio de doutorado no exterior ocorreu no período de agosto de 2007 a janeiro de 2008, na Universidade de Lisboa, sob a orientação da Professora Doutora Ernestina Carrilho. O estágio foi realizado com bolsa Capes, processo 0773/07-7, por meio do Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior - PDEE.

Para que pudéssemos verificar a influência dos fatores linguísticos e sociais no fenômeno em estudo, os dados coletados foram codificados e analisados estatisticamente com o auxílio do programa Goldvarb (Robinson *et al.*, 2001).

Estabelecemos como variável dependente em nosso estudo a marcação/não marcação da concordância verbal de terceira pessoa do plural. Buscando verificar os contextos favorecedores para cada uma das variantes, selecionamos os seguintes grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos ou variáveis independentes. Os grupos de fatores linguísticos: saliência fônica, paralelismo formal, tipo de verbo, posição do sujeito em relação ao verbo, traço humano no sujeito e tipo de sujeito. Os grupos de fatores extralinguísticos – sociais: sexo, idade/escolaridade e redes sociais, – geográficos: diatopia e diazonalidade.

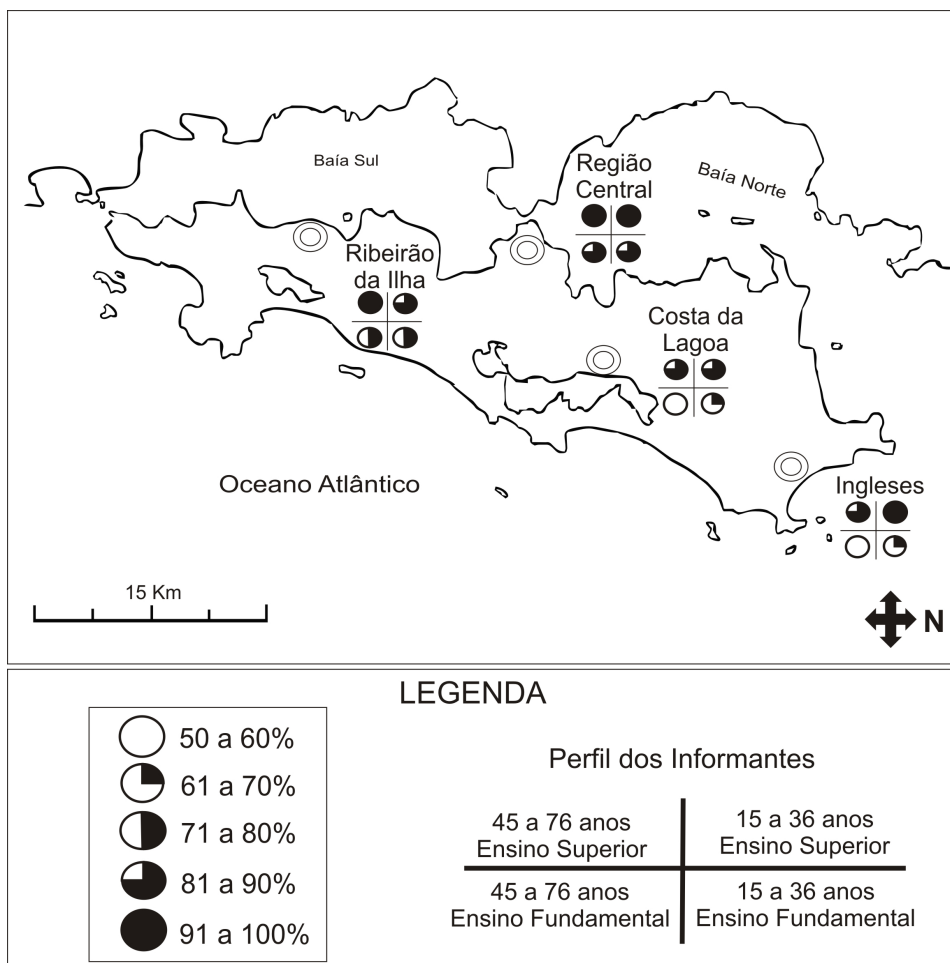
### **3. Análise e discussão dos resultados**

Nesta seção, apresentamos os resultados obtidos na análise dos dados do PB e do PE. Inicialmente, apresentamos os resultados referentes às variáveis selecionadas pelo Goldvarb para a análise do PB e, em seguida, do PE levando em conta a caracterização feita e as hipóteses levantadas para as variáveis.

#### **3.1 Análise e discussão dos resultados do PB**

A partir da amostra investigada, obtivemos um total de 794 dados de variação na concordância verbal (CV), com 640 dados apresentando marcas de plural nos verbos, correspondendo a 80,6% da amostra, e 154 dados, 19,4% do total, com marcas zero de plural nos verbos.

Em relação ao mapeamento da variação na concordância encontrada em cada uma das localidades do PB investigadas, podemos observar o mapa 1 a seguir que traz os resultados da frequência de uso da CV na fala de cada informante que faz parte da amostra investigada.



**Mapa 1: Distribuição da marcação da concordância verbal no PB<sup>5</sup>**

### 3.1.1 Variáveis linguísticas

As seguintes variáveis linguísticas foram selecionadas de acordo com a ordem de relevância estabelecida pelo Goldvarb<sup>6</sup>: saliência fônica, paralelismo formal, posição do sujeito em relação ao verbo e traço humano no sujeito. Vamos agora aos resultados e à discussão das variáveis linguísticas.

#### 3.1.1.1 Saliência fônica

Este grupo de fatores foi estabelecido em função de dois critérios de acordo com Naro (1981): (1) presença ou ausência de acento na desinência e (2) quantidade de material fônico que diferencia a forma singular da forma plural. A partir do primeiro critério, estabeleceram-se dois níveis de saliência e em cada nível apresentavam-se três categorias, salientando a diferenciação do material fônico da relação singular/plural.

<sup>5</sup> Os mapas 1 e 2 foram adaptados do Google Earth (acesso em fevereiro de 2009).

<sup>6</sup> Considerando todas as variáveis controladas, o Programa Goldvarb (2001) estabeleceu a seguinte ordem de relevância: saliência fônica, paralelismo formal, posição do sujeito em relação ao verbo, idade/escolaridade, traço humano do sujeito e diatopia. A variável social idade/escolaridade e a variável geográfica diatopia que foram selecionadas serão discutidas posteriormente.

- Nível 1: oposição não-acentuada:
  1. não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural;
    - (1) a. **Eles** não *conseguem* alcançar nosso ritmo, né? (PBRIMJS13)<sup>7</sup>
    - b. Aí **eles** não *conseguem* ter um bom rendimento (PBRIMJS13)
  2. envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural;
    - (2) a. Tenho três, quatro sobrinhos, **anda todos eles** também aí ao mar (PECAMVF03)
    - b. Sim, **andam** aí **uns brasileiros** (PECAMVF03)
  3. envolve acréscimo de segmentos na forma plural;
    - (3) a. Só que **eles diz** que eu tenho que trabalhá pra pagá (PBINMJF10)
    - b. Ah, **uns dizi** que é porque ele foi demitido (PBINMJF10)
- Nível 2: oposição acentuada:
  1. envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural;
    - (4) a. **Os meus irmãos tá** cada um do seu lado (PECAFJF11)
    - b. **Elas** já **tão** o dia todo na escola (PECAFJF11)
  2. envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural;
    - (5) a. Conta **coisas que** pra ele **foi** um bocado traumáticas (PECAFJS15)
    - b. **As aulas práticas foram** reduzidas (PECAFJS15)
  3. envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural: mudanças vocálicas na desinência, mudanças na raiz, e até mudanças completas.
    - (6) a. **Veio todos** pra cá (PERCFJF12)
    - b. **Vieram muitos imigrantes de fora** pra cá (PERCFJF12)

Muitos estudos (cf. LEMLE e NARO, 1977; NARO, 1981; RODRIGUES, 1987; SCHERRE e NARO, 1997; MONGUILHOTT, 2001; SILVA, 2003; PEREIRA, 2004; CARDOSO, 2005) já comprovaram a relevância deste grupo de fatores indicando que formas mais salientes tendem a ser mais marcadas do que as menos salientes, i.e., as oposições mais salientes, sendo mais perceptíveis, aumentam a probabilidade de ocorrência da variante explícita de plural. Partindo dos resultados desses estudos, a expectativa para nossa amostra era de que as formas mais salientes também favorecessem a presença da marca de concordância na terceira pessoa do plural.

Nossos resultados vêm corroborar os resultados desses estudos com a oposição acentuada favorecendo a presença de marcas explícitas de plural nos verbos, contrário à oposição não-acentuada, com maiores probabilidades de marcas zero de concordância, como podemos observar na tabela 1 a seguir.

---

<sup>7</sup> A codificação refere-se: à amostra do nosso *corpus* (PB – Português do Brasil, PE – Português Europeu), à localidade em que a entrevista foi realizada (no PB – RI: Ribeirão da Ilha, IN: Ingleses, CL: Costa da Lagoa, RC: Região Central, no PE – SI: Sintra, BE: Belém, CA: Cascais, RC: Região Central), ao sexo do informante (F: feminino, M: masculino), à idade do informante (J – 15 a 36 anos, V – 45 a 76 anos), à escolaridade do informante (F: fundamental – de 1ª. a 9ª série, S: superior – do 12 ano ao superior concluído com mestrado) e ao número de identificação de cada informante na amostra. Como a caracterização das variáveis e o levantamento das hipóteses serão considerados também para o PE, serão apresentados exemplos das duas variedades do português.

Tabela 1: Frequência e probabilidade de CV no PB, segundo a variável saliência fônica

<b>Nível 1: Oposição não-acentuada</b>	<b>Apl/Total<sup>8</sup></b>	<b>%</b>	<b>PR<sup>9</sup></b>
a. não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	19/89	21%	.04
b. envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	274/324	84%	.50
c. envolve acréscimo de segmentos na forma plural	48/51	94%	.74
<b>Nível 2: Oposição acentuada</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
a. envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural	73/87	83%	.48
b. envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural	64/68	94%	.74
c. envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural	162/175	92%	.69
<b>Total</b>	<b>640/794</b>	<b>80%</b>	

Verificamos, a partir dos resultados apontados na tabela 1, que os fatores pertencentes ao nível 1, oposição não-acentuada apresentaram uma escala hierárquica crescente de acordo com o aumento do grau de saliência perceptível. Na categoria **a** temos 21% de marcação da CV e .04 de peso relativo, na categoria **b** 84% e .50 e na **c** 94% e .74 de peso relativo.

No nível 2, a hierarquia não obedeceu a mesma ordem do nível 1, tendo uma pequena alteração entre as categorias **b** e **c**. A categoria **a** apresentou 83% de marcação da CV e .48 de peso relativo, a categoria **b** 94% e .74 e a **c** 92% de marcação e .69 de peso relativo.

É inegável que o nível 2, nos resultados gerais, apresenta maior probabilidade de aplicação da regra de concordância verbal em relação ao nível 1, como a tabela 2 a seguir confirma, feita a partir de uma rodada em que os fatores do nível 1 estão amalgamados, assim como os fatores do nível 2.

Tabela 2: Frequência e probabilidade de CV no PB, segundo a variável saliência fônica com amálgama dos fatores do nível 1 e nível 2

<b>Saliência Fônica</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Nível 1: Oposição não-acentuada	341/464	73%	.35
Nível 2: Oposição acentuada	299/330	90%	.70
<b>Total</b>	<b>640/794</b>	<b>80%</b>	

<sup>8</sup> A aplicação da regra refere-se às marcas explícitas de concordância no verbo, pois estas marcas sobressaíram-se em relação às marcas zero. Dos 794 dados coletados do PB, 640 apresentaram marcas explícitas de concordância.

<sup>9</sup> PR significa peso relativo.

### 3.1.1.2. Paralelismo Formal

Controlamos o paralelismo formal no nível clausal com o intuito de atestar se existe correlação entre o tipo de marca existente no sujeito e o tipo de marca existente no verbo, ou seja, se marcas explícitas de plural no sujeito levam à presença de marcas de plural no verbo e se o sujeito com marca zero de plural influencia a marca zero de plural no verbo.

Subdividimos este grupo nos seguintes fatores:

- a. presença da forma de plural explícita no último (ou único) elemento  
(7) **A<sub>s</sub> mulheres** não *tinham* direito a voto (PERCFVF04);
- b. presença da forma de plural zero no último elemento  
(8) **Os homi**Ø *ia* assim tarrafeá (PBINFVF02);
- c. presença de numeral terminado em /s/ no último elemento  
(9) **Os dois** só *estudu* (PBINFVS06);
- d. presença de numeral não terminado em /s/ no último elemento  
(10) Na Costa aqui *estudou* parece **uns cinco** só na Lagoa (PBCLMV03);
- e. sujeito nulo com sujeito anafórico com presença da forma de plural explícita no último (ou único) elemento  
(11) **Todas as minhas amigas** namoravam e Ø *vinham* às festas aqui (PBRIFVS05);
- f. sujeito nulo com sujeito anafórico com presença da forma de plural zero no último elemento  
(12) **Os neto** Ø dele chamava ele de tolo, Ø *dizia*: ah, o vô é tolo! (PBCLMV03);
- g. sujeito nulo com sujeito anafórico com presença de numeral terminado em /s/ no último elemento  
(13) Tem **dois** ali que tão na biblioteca, Ø *tão fazendo* trabalho (PBRIMJF09);
- h. sujeito nulo com sujeito anafórico com presença de numeral não terminado em /s/ no último elemento<sup>10</sup>

A nossa hipótese contempla o princípio geral do paralelismo: marcas levam a marcas, zeros levam a zeros.

Esperávamos que, tanto no sujeito preenchido, quanto no sujeito nulo com sujeito anafórico, quando o último elemento do sujeito apresentasse marca explícita de plural, o verbo correspondente tenderia a exibir a marca de plural, e se o último elemento do sujeito apresentasse zero plural, o verbo correspondente tenderia também a exibir zero plural (cf. SCHERRE e NARO, 1993; MONGUILHOTT, 2001; PEREIRA, 2004; CARDOSO, 2005).

Em relação à presença de numeral, acreditávamos que se o último elemento do sujeito, ou o sujeito anafórico, no caso de sujeito nulo, fosse um numeral terminado em /s/ haveria uma tendência maior para existir marca formal de plural no verbo, diferentemente dos numerais sem /s/, que deveriam influenciar na não marcação da concordância.

Nossos resultados revelam que o paralelismo formal, no nível clausal, mostrou-se bastante significativo na análise do Goldvarb, sendo o segundo grupo selecionado. Os resultados confirmam parcialmente nossas hipóteses. Como podemos observar na tabela 3, a marcação da concordância foi maior para os fatores presença da forma de plural explícita no último elemento (86% de frequência e .60 de peso relativo) e sujeito nulo com anafórico com presença da forma de plural explícita (87% de frequência e .66 de peso relativo).

Tais resultados confirmam resultados de outros estudos com diferentes amostras do PB (SCHERRE e NARO, 1993; MONGUILHOTT, 2001; SILVA, 2003; PEREIRA, 2004; CARDOSO, 2005).

<sup>10</sup> Não foram encontrados dados na amostra para este fator.

Tabela 3: Frequência e probabilidade de CV no PB, segundo a variável paralelismo formal

<b>Paralelismo Formal</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Presença da forma de plural explícita no último elemento	418/483	86%	.60
Presença de numeral no último elemento	20/33	60%	.13
Presença da forma zero de plural no último elemento	52/100	52%	.10
Sujeito nulo com anafórico com presença da forma de plural explícita	128/148	87%	.66
Sujeito nulo com anafórico com presença de numeral terminado em /s/ no último elemento	4/5	80%	.58
Sujeito nulo com anafórico com presença da forma de zero plural	17/25	68%	.29
<b>Total</b>	<b>640/794</b>	<b>80%</b>	

Nossas expectativas também se confirmaram em relação aos fatores presença da forma zero de plural no último elemento e sujeito nulo com anafórico com presença da forma de zero plural, já que ambos os fatores tenderam à menor marcação da CV, com resultados de 52% de frequência e .10 de peso relativo e 68% de frequência e .29 de peso relativo, respectivamente.

Quanto aos fatores presença de numeral terminado em /s/ e não terminado em /s/ no último elemento, os resultados foram amalgamados em função de seus índices de frequência, bem como de seu comportamento, mostrarem-se uniformes quando da presença de outros fatores<sup>11</sup>. Para esse grupo de fatores, nossas expectativas não se confirmaram, pois esperávamos maior marcação da CV. Nossos resultados apontam para uma marcação próxima da marcação do fator presença da forma zero de plural no último elemento, com 60% de frequência e .13 de peso relativo.

Já em relação ao sujeito nulo com anafórico com presença de numeral terminado em /s/ no último elemento, nossa hipótese se confirmou, já que os resultados apontam esse fator como favorecedor da marcação da CV com 80% de frequência e .58 de peso relativo. Para o fator sujeito nulo com presença de numeral não terminado em /s/, não obtivemos dados.

Embora os resultados em relação ao fator presença de numeral no último elemento não tenham confirmado nossa hipótese, os resultados gerais obtidos para esta amostra do PB vêm confirmar o princípio do paralelismo de “formas gramaticais particulares ocorrerem juntas” (SCHERRE, 1998, p.42). Acreditamos que esta repetição apresenta caráter mecânico; como Scherre (1998, p.49) aponta, diversos estudos variacionistas que controlaram o paralelismo (WEINER e LABOV, 1981; BRAGA, 1986; SCHIFFRIN, 1981; TANNEN, 1998) “concluíram que pode haver a repetição meramente mecânica”.

<sup>11</sup> Na rodada sem amálgama dos fatores, obtivemos os seguintes resultados: presença de numeral terminado em /s/ no último elemento – 18/28 = 64% e .14 de peso relativo; presença de numeral não terminado em /s/ no último elemento – 2/5 = 40% e .06 de peso relativo.

### 3.1.1.3 Posição do sujeito em relação ao verbo

O português é uma língua do tipo Sujeito-Verbo-Objeto que admite variação; por isso, o SN pode aparecer posposto ao verbo. Dessa forma, para esse grupo de fatores, consideramos a anteposição ou a posposição do sujeito:

- SN V anteposição  
(14) **Eles moru** lá na cidade (PBRIMJF09)
- V SN posposição  
(15) **Mora três** lá perto da minha casa (PBINFVF02)

Baseando-nos em resultados de trabalhos empíricos, esperamos que haja enfraquecimento da concordância com o SN pós-verbal, como veremos a seguir.

Lemle e Naro (1977) apontam que a probabilidade de concordância verbal com SNs pós-verbais é muito menor do que com SNs pré-verbais, independentemente até mesmo do nível de escolaridade a que pertence o falante. Lira (1986) também comprova o alto índice de ausência de concordância com SNs pospostos em seus resultados: probabilidade de .62 de ausência de concordância para apenas .38 de presença.

Rodrigues (1987), atestou, em seu estudo que o sujeito posposto influencia fortemente a não concordância com 97% de frequência e .88 de peso relativo, diferentemente do sujeito anteposto, com 76% de frequência e .31 de peso relativo, assim também como o sujeito distante do verbo 78% de frequência e .45 de peso relativo.

Berlinck (1988) também apresenta resultados que apontam maior tendência aos SNs pospostos desencadearem menor concordância. Em seus resultados, 94% dos SNs pospostos apresentam ausência de concordância para apenas 20% de presença, um percentual bastante significativo. Vale lembrar que seus dados são de informantes de nível universitário. A autora diz que essa associação de SN posposto e ausência de concordância têm servido de argumento favorável à tese do caráter menos 'subjetivo' do sujeito.

Pontes (1986) discute, em seu trabalho, o estatuto de sujeito do SN posposto evidenciando que este tipo de sujeito apresenta características de objeto<sup>12</sup> (posição VSN, [-concordância]).

A autora ressalta, a partir de um teste feito com alguns estudantes da Faculdade de Letras da UFMG, que o SN posposto é encarado, muitas vezes, como objeto por uma parcela significativa de falantes que, por conseqüência, apresentam dificuldade na marcação da concordância com esses tipos de SNs.

Scherre e Naro (1997) apresentam resultados que apontam para o fato de que, quando o sujeito está em uma posição mais à esquerda e mais próximo do verbo, existe maior probabilidade de favorecimento da ocorrência da variante explícita, enquanto a posição à direita e o distanciamento em relação ao verbo a desfavorecem, independentemente do grau de escolaridade dos falantes.

Monguilhott (2001) evidencia em seus resultados o sujeito anteposto ao verbo como favorecedor da concordância com 84% de frequência e .78 de peso relativo, enquanto o sujeito posposto ao verbo como favorecedor da não concordância com 52% de frequência e .17 de peso relativo.

---

<sup>12</sup> O SN posposto, conforme Pontes (1986), mesmo apresentando características de objeto não admite cliticização como em: (1) A Sarinha tá nascendo dente; (2) \*A Sarinha nasceu-o.

Coelho e Monguilhott (2007) atestam, em seu trabalho, que a ordem VS condiciona a não marcação da concordância nos verbos, corroborando a tese do caráter não subjetivo do argumento que se posiciona à direita do verbo.

Coelho, Monguilhott e Martins (2008) apresentam resultados de amostras diacrônicas em que há marcação de 100% nos casos de verbos com sujeito invertido no século XIX. Já no século XX, a frequência de marcação é de 85%. Os autores evidenciam que os resultados refletem a relação que há entre marcação da CV e ordem SV; como a ordem SV está cada vez mais enrijecida no PB, há menos marcação da CV com sujeito invertido no PB atual.

Partindo destas evidências, acreditávamos que o SN, quando posposto ao verbo, apresentaria forte tendência à variante zero de plural nos verbos.

A posição do sujeito em relação ao verbo foi o terceiro grupo de fatores selecionado pelo Goldvarb. Podemos observar, através da tabela 4, que a probabilidade de aplicação da regra de concordância foi maior quando o sujeito estava anteposto ao verbo, com 84% de frequência e .57 de peso relativo, distanciando-se significativamente da posposição do sujeito, com 34% de frequência e .08 de peso relativo, confirmando, dessa forma, nossa hipótese e corroborando resultados de alguns estudos do PB (LEMLE e NARO, 1977; PONTES, 1986; RODRIGUES, 1987; BERLINCK, 1988; SCHERRE e NARO, 1997; MONGUILHOTT, 2001; SILVA, 2003; CARDOSO, 2005).

Tabela 4: Frequência e probabilidade de CV no PB, segundo a variável posição do sujeito em relação ao verbo

Posição	Apl/Total	%	PR
SN anteposto	464/546	84%	.57
SN posposto	23/67	34%	.08
<b>Total</b>	<b>487/613<sup>13</sup></b>	<b>79%</b>	

Nossos resultados indicam, conforme apontam alguns estudos, que o sujeito quando posposto ao verbo passa a ser encarado como objeto pelo falante que não aplica a regra de concordância, já que *não* o considera sujeito da sentença.

#### 3.1.1.4 Traço humano no sujeito

Controlamos, neste grupo de fatores, os traços do SN do tipo [+/-humano]:

- SN [+humano]  
(16) **Eles** não *trabalham* com isso (PBRCMJS16);
- SN [-humano]  
(17) Ainda *existe* **terras mais pequeninhas** aqui dentro do Conselho (PESIFJF09).

Em relação a esse grupo de fatores, esperávamos que, quando o traço do sujeito fosse [+humano], a probabilidade de marcas de concordância no verbo seria maior, já que ele se caracterizaria mais prototipicamente como sujeito, diferentemente do SN com traço [-

<sup>13</sup> Vale observar que, para esse grupo de fatores, temos um total de 613 dados, pois os dados de sujeito nulo não puderam ser considerados.

humano], que tenderá a desencadear menos marcas de concordância no verbo em função de, numa escala de “sujeitividade”, apresentar-se menos “sujeito”.

O grupo de fatores traço humano no sujeito foi selecionado como estatisticamente relevante em quinto lugar.

Confirmando nossa hipótese e também resultados de pesquisas com amostras do PB (SCHERRE e NARO, 1998; MONGUILHOTT, 2001; SILVA, 2003; PEREIRA, 2004; CARDOSO, 2005), quando a sentença possuía um SN [+humano] a probabilidade à concordância verbal foi maior (83% de frequência e .56 de peso relativo) do que em sentenças com SNs [-humanos] (55% de frequência e .12 de peso relativo), como mostram os resultados na tabela 5.

Tabela 5: Frequência e probabilidade de CV no PB, segundo a variável traço humano no sujeito

<b>Traço humano no sujeito</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
SN [+humano]	588/701	83%	.56
SN [-humano]	52/93	55%	.12
<b>Total</b>	<b>640/794</b>	<b>80%</b>	

### 3.1.2 Variáveis sociais

Dentre as variáveis sociais controladas, somente a variável idade/escolaridade foi selecionada como estatisticamente relevante pelo Goldvarb. A variável foi selecionada em quarto lugar.

Vamos agora aos resultados e à discussão dessa variável.

#### 3.1.2.1 Idade/escolaridade<sup>14</sup>

Em relação a este grupo de fatores, controlamos as seguintes faixas etárias e níveis de escolaridade:

- 04 falantes com idade entre 15 e 36 anos com ensino fundamental (da 4<sup>a</sup>. série completa a 9<sup>a</sup>. série completa) – jovem/ensino fundamental;
- 04 falantes com idade entre 22 e 33 anos com ensino superior concluído<sup>15</sup> – jovem/ensino superior;
- 04 falantes com idade entre 48 e 74 anos com ensino fundamental (de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. série incompleta a 7<sup>a</sup>. série completa) – velho/ensino fundamental;
- 04 falantes com idade entre 45 e 76 anos com ensino superior concluído<sup>16</sup> – velho/ensino superior.

<sup>14</sup> Os grupos de fatores idade e escolaridade foram controlados conjuntamente.

<sup>15</sup> Apenas uma informante do PE não havia concluído o curso superior, faltava um ano para a conclusão.

<sup>16</sup> Os informantes do PB de 45 a 76 anos apresentam ensino superior concluído, no entanto, dos quatro informantes do PE apenas um apresenta o ensino superior concluído, os demais têm até o 12<sup>o</sup> ano. Como tivemos dificuldade em encontrar pessoas dessa faixa etária com ensino superior concluído, resolvemos considerar o ensino médio desses informantes, já que contrastam com os informantes com ensino fundamental, o que era nosso objetivo.

Nossas hipóteses em relação às duas faixas etárias controladas, jovens e velhos, relacionaram-se à diazonalidade. Acreditávamos que os jovens da zona não urbana preservariam mais as marcas de CV do que os velhos desta mesma zona. Já no que se refere à zona urbana, acreditávamos que os mais velhos preservassem mais a CV.

Nossa expectativa, em relação à zona não urbana, baseou-se em Baxter (1995) e Lucchesi (2006). Baxter, citando o trabalho de Bortoni (1985), aponta que, em dialetos rurais, os jovens usam mais marcas de plural do que os falantes mais velhos (p.85). Lucchesi salienta tal relação, baseando-se nos resultados de Nina (1980), Vieira (1997) e Silva (2003). O autor aponta que a marcação da CV aumenta conforme a idade do falante diminui. Em relação à zona urbana, baseamo-nos também em Lucchesi (2006), que evidencia, a partir do trabalho de Graciosa (1991), que há queda na marcação da CV na fala dos mais jovens.

No que se refere à escolaridade, esperávamos que, quanto maior o nível de escolaridade, maior seria a probabilidade de o falante utilizar marcas mais formais, no caso do nosso estudo a marcação da concordância verbal, pois a escola é um dos ambientes que privilegia a norma linguística utilizada na escrita e, de acordo com estudos variacionistas envolvendo a variável anos de escolarização, existe correlação entre formas linguísticas consideradas padrão (ensinadas na escola e reforçadas em outros ambientes - como TV, jornais) e maior escolaridade.

Os resultados mostram que, tanto no nível superior, quanto no nível fundamental, os mais jovens tendem a preservar as marcas de CV (89% de frequência e .74 de peso relativo para os jovens com ensino superior, 72% de frequência e .32 de peso relativo para os jovens com fundamental) do que os mais velhos (88% de frequência e .52 de peso relativo para os velhos com ensino superior, 67% de frequência e .28 de peso relativo para os velhos com fundamental), como podemos verificar na tabela 6, a seguir.

Tabela 6: Frequência e probabilidade de CV no PB, segundo a variável idade/escolaridade

<b>Idade/escolaridade</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Jovem/ensino superior	225/252	89%	.74
Velho/ensino superior	172/195	88%	.52
Jovem/ensino fundamental	115/158	72%	.32
Velho/ensino fundamental	128/189	67%	.28
<b>Total</b>	<b>640/794</b>	<b>80%</b>	

Os resultados apontam, ainda, que os informantes mais escolarizados, independentemente da idade, preservam as marcas de concordância verbal, correspondendo, desta forma, aos resultados de outros estudos que controlaram a escolaridade em amostras do PB (SCHERRE e NARO, 1997; MONGUILHOTT, 2001).

### 3.1.3 As variáveis geográficas:

Dentre as variáveis geográficas controladas, a diatopia foi selecionada como estatisticamente relevante em sexto lugar.

A seguir, apresentamos os resultados e a discussão dessa variável.

### 3.1.3.1 Diatopia<sup>17</sup>

A cidade de Florianópolis possui muitos bairros, sendo que a maioria se localiza na ilha, além de outros na parte continental. Em nosso estudo, optamos por selecionar os quatro pontos a serem investigados na ilha, localizados em áreas distintas, por julgarmos representativos da comunidade de fala florianopolitana<sup>18</sup>.

O que podemos observar nos resultados da tabela 7, abaixo, é que a região central foi a que mais preservou as marcas de CV com 90% de frequência e .83 de peso relativo. Em seguida, temos o Ribeirão da Ilha, com 82% de frequência e .48 de peso relativo; logo após, temos os Ingleses com 77% de frequência e .33 de peso relativo. Por fim, temos a Costa da Lagoa com 73% de frequência de marcação da CV e .32 de peso relativo.

Tabela 7: Frequência e probabilidade de CV no PB, segundo a variável diatopia

<b>Diatopia</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Ribeirão da Ilha	155/188	82%	.48
Costa da Lagoa	179/243	73%	.32
Ingleses	134/172	77%	.33
Região Central	172/191	90%	.83
<b>Total</b>	<b>640/794</b>	<b>80%</b>	

O que esperávamos para este grupo de fatores era que as localidades que fazem parte da zona urbana, Região Central e Ingleses, preservassem mais a CV. No caso da Região Central foi o que aconteceu, mas não nos Ingleses. O que parece explicar os resultados é que, embora o bairro dos Ingleses tenha se urbanizado nos últimos tempos com o crescente comércio em função do turismo, os nativos continuam convivendo muito mais entre eles, preservando, desta forma, as marcas menos urbanas.

Em relação ao Ribeirão da Ilha e à Costa da Lagoa, nossas expectativas se confirmaram, já que os bairros considerados não urbanos, em função do distanciamento com a região central da cidade, preservaram menos as marcas de CV do que a Região Central. Considerando os dois bairros, os resultados confirmam o que de fato também era esperado. Embora sempre que vá se falar de interior da Ilha de Santa Catarina, em bairro típico da cidade, em “falar manezinho”, se faça referência primeiramente ao Ribeirão da Ilha, a Costa da Lagoa é caracterizadamente mais rural do que o Ribeirão, em função principalmente do seu isolamento, só se chega lá de barco, as pessoas todas se conhecem, o que já não ocorre no Ribeirão que tem estradas e muitas pessoas de fora o ano inteiro circulando, em função principalmente da maricultura.

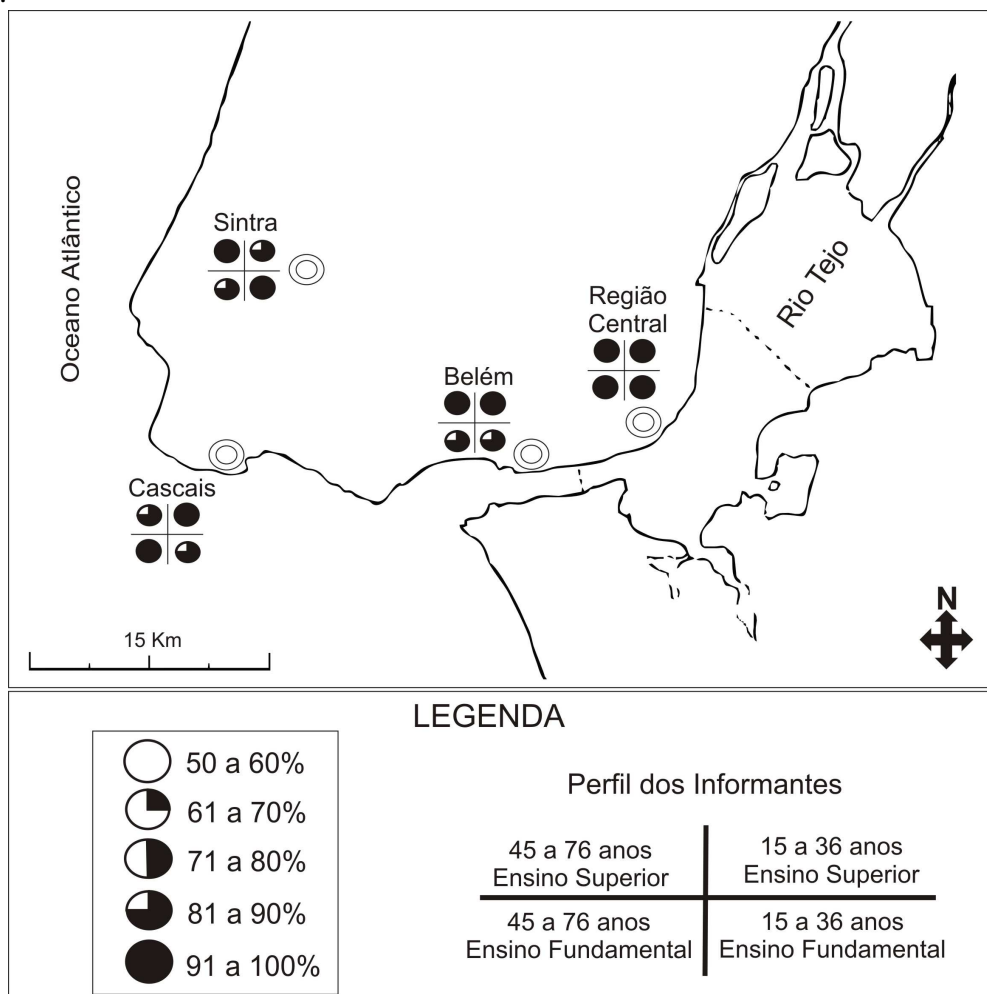
## 3.2 Análise e discussão dos resultados do PE

Obtivemos um total de 807 dados, dos quais 742 apresentaram marcas de concordância nos verbos, correspondendo a 91,95% da amostra, e 65 dados, 8,05% do total, apresentaram a variante zero de plural nos verbos. A seguir, apresentamos o mapeamento da variação na concordância encontrada em cada uma das localidades do PE investigadas. O

<sup>17</sup> A caracterização da cidade de Florianópolis e da cidade de Lisboa será feita posteriormente na seção 2.6.

<sup>18</sup> Para definirmos Florianópolis como uma comunidade de fala, assim como Lisboa, levamos em conta os critérios apontados por Guy (2000, 2001).

mapa 2 retrata as frequências de uso da CV na fala de cada informante que faz parte da nossa amostra.



Mapa 2: Distribuição da marcação da concordância verbal no PE

### 3.2.1 Variáveis linguísticas

Dentre as variáveis linguísticas controladas, o Goldvarb selecionou, por ordem de relevância: traço humano no sujeito, posição do sujeito em relação ao verbo e tipo de verbo<sup>19</sup>.

Vamos agora aos resultados e à discussão das variáveis linguísticas.

#### 3.2.1.1 Traço humano no sujeito

O grupo de fatores traço humano no sujeito foi selecionado como estatisticamente relevante em primeiro lugar.

Confirmando nossa hipótese, quando a sentença possuía um SN [+humano], a probabilidade à concordância verbal foi maior (96% de frequência e .61 de peso relativo) do que em sentenças com SNs [-humanos] (71% de frequência e .11 de peso relativo), como mostram os resultados na tabela 8.

<sup>19</sup> Considerando todas as variáveis controladas, o Goldvarb selecionou ainda, em último lugar em ordem de relevância, a variável social idade/escolaridade que será discutida posteriormente.

Tabela 8: Frequência e probabilidade de CV no PE,  
segundo a variável traço humano no sujeito

Traço humano no sujeito	Apl/Total	%	PR
SN [+humano]	632/653	96%	.61
SN [-humano]	110/154	71%	.11
<b>Total</b>	<b>742/807</b>	<b>91%</b>	

Nossos resultados confirmam os resultados encontrados em Naro e Scherre (2007) para textos escritos do PE antigo com o traço [+ humano] do sujeito condicionando a marcação da concordância verbal.

### 3.2.1.2 Posição do sujeito em relação ao verbo

A posição do sujeito em relação ao verbo foi o segundo grupo de fatores selecionado pelo Goldvarb. Podemos observar, através dos resultados apresentados na tabela 9, que a probabilidade de aplicação da regra de concordância foi maior quando o sujeito estava anteposto ao verbo, com 92% de frequência e .56 de peso relativo, distanciando-se significativamente da posposição do sujeito, com 59% de frequência e .18 de peso relativo, confirmando, desta forma, nossa hipótese.

Tabela 9: Frequência e probabilidade de CV no PE,  
segundo a variável posição do sujeito em relação ao verbo

Posição	Apl/Total	%	PR
SN anteposto	354/381	92%	.56
SN posposto	43/72	59%	.18
<b>Total</b>	<b>397/453</b>	<b>87%</b>	

Nossos resultados indicam, como já evidenciado na análise do PB, que o sujeito quando posposto ao verbo passa a ser encarado como objeto pelo falante que não aplica a regra de concordância, já que não o considera sujeito da sentença.

Vale ressaltar, o que Carrilho (2003) atesta para o PE no que se refere à relação entre concordância verbal e posição do sujeito. De acordo com a autora, a não concordância verbal no PE aparece em contextos em que o constituinte ocupa posição pós verbal. Nossos resultados confirmam também os resultados da pesquisa de Varejão (2006) com amostras de fala do PE e da pesquisa de Naro e Scherre (2007) com amostras de escrita do PE.

### 3.2.1.3 Tipo de verbo

Subdividimos os verbos em: inacusativo prototípico, inacusativo não prototípico, intransitivo prototípico, intransitivo não prototípico, transitivo e cópula.

Consideramos, na nossa análise, verbos inacusativos prototípicos aqueles que apresentavam as seguintes propriedades: (+) posposição<sup>20</sup>, (-) desencadeador, (-) indeterminação, (+) particípio e (-) cognato. Já os intransitivos prototípicos foram considerados aqueles que apresentavam as propriedades: (-) posposição, (+) desencadeador, (+) indeterminação, (-) particípio e (+) cognato. Os inacusativos e intransitivos não-prototípicos foram definidos em função da não presença de alguma ou algumas propriedades dos verbos prototípicos.

O verbo transitivo é aquele definido como verbo de mais de um argumento e o verbo cópula é aquele que seleciona uma SC, do Inglês *small clause*, pequena oração. O cópula é um verbo monoargumental inacusativo; no entanto, ao invés de selecionar um argumento interno, seleciona uma pequena oração; por isso, o categorizamos separadamente, pois acreditamos que tenha comportamento diferenciado no que se refere à concordância verbal.

Os verbos estão subdivididos em:

- Inacusativos prototípicos  
(18) Depois ***surgiu*** **as carroças, os burros** (PESIMJS13);
- Inacusativos não-prototípicos  
(19) **As pessoas** não ***sai*** do Ribeirão todo dia pra vim no centro (PBRMJS16);
- Intransitivos prototípicos  
(20) **Muitos escravos** também ***trabalhava*** nessa atividade (PBRIMJS13);
- Intransitivos não-prototípicos  
(21) Os primeiros europeus a vir pra cá foram **os espanhóis** que ***aportaram*** aqui (PBRIMJS13);
- Transitivos  
(22) **Os alunos** ***dão*** importância também pra esse profissional (PBINFVS06);
- Cópula  
(23) Como a maioria dos professores são catalães, é tudo em catalão, **os textos** ***é*** tudo em catalão (PERCFJS16).

Nossa hipótese, para este grupo de fatores, relaciona-se às características dos diferentes tipos de verbos.

Primeiramente, em relação aos verbos inacusativos, esperamos que, em função das suas propriedades: (-) desencadeador, (+) posposição, (-) indeterminação do sujeito, (+) particípio absoluto e (-) objeto cognato, tendam a apresentar menos marcas de concordância. Essas propriedades indicam que (i) os inacusativos não aceitam testes que provam agentividade, que é uma propriedade caracterizadora da marcação da CV; quanto mais agentivo, mais prototípico, mais concordância; (ii) aceitam mais naturalmente a ordem VS, que é condicionadora da não marcação da CV; (iii) não admitem indeterminação do sujeito, que é uma propriedade típica de verbos que selecionam argumento externo, que também é característica de marcação da CV; (iv) admitem particípio absoluto e (v) não possuem objeto cognato.

No que se refere aos verbos intransitivos que possuem as propriedades contrárias às dos inacusativos, uma vez que selecionam apenas argumentos externos (e não internos), esperamos que tendam à marcação da CV. Os verbos transitivos, que se caracterizam por

---

<sup>20</sup> Embora a posição do sujeito em relação ao verbo seja um grupo de fatores a ser controlado no nosso trabalho, o que poderia enviesar a nossa análise, já que seu controle, desta forma, será reduplicado, inserimos a propriedade (+/-) posposição na caracterização dos inacusativos/intransitivos, pois do contrário teríamos apenas quatro propriedades distintas o que inviabilizaria a proposta.

selecionarem também argumentos externos que figurem na posição típica de sujeito, devem se comportar como os intransitivos, apresentando maiores chances de marcas de concordância.

Em relação aos verbos do tipo cópula, embora façam parte da categoria dos inacusativos, esperamos que tendam a exibir mais marcas de concordância do que os verbos inacusativos prototípicos e menos prototípicos, por selecionarem uma pequena oração (small clause).

O grupo de fatores tipo de verbo foi o terceiro a ser selecionado como estatisticamente relevante pelo Goldvarb.

Na tabela 10, a seguir, podemos observar os resultados para o tipo de verbo. O verbo cópula foi o ambiente que se mostrou menos favorecedor da marcação da CV, com 79% de frequência e .28 de peso relativo.

Tabela 10: Frequência e probabilidade de CV no PE, segundo a variável tipo de verbo

<b>Tipo de verbo</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Verbo transitivo	319/325	98%	.60
Verbo intransitivo prototípico	57/58	98%	.63
Verbo intransitivo não-prototípico <sup>21</sup>	12/13	92%	.20
Verbo inacusativo prototípico	41/45	91%	.54
Verbo inacusativo não-prototípico	154/167	92%	.41
Verbo cópula	159/199	79%	.28
<b>Total</b>	<b>742/807</b>	<b>91%</b>	

### 3.2.2 Variáveis sociais

Dentre as variáveis sociais controladas, assim como no PB, somente a variável idade/escolaridade foi selecionada. A variável foi selecionada em quarto lugar.

Vamos agora aos resultados e à discussão dessa variável social.

#### 3.2.2.1 Idade/escolaridade

Nossos resultados mostram que, no ensino superior, os mais jovens preservam mais a CV (94% de frequência e .61 de peso relativo) do que os mais velhos (92% de frequência e .59 de peso relativo). Já no ensino fundamental, os informantes mais velhos preservam mais as marcas de CV (90% de frequência e .49 de peso relativo) do que os mais jovens (89% de frequência e .30 de peso relativo), como podemos observar na tabela 11, a seguir.

<sup>21</sup> Vale ressaltar que os resultados dos intransitivos não-prototípicos apresentaram alta frequência de não concordância com resultados bastante semelhantes aos dos inacusativos não-prototípicos e aos dos inacusativos prototípicos, no entanto, se comparados aos intransitivos prototípicos e aos transitivos a frequência da marcação desses verbos é baixa.

Tabela 11: Frequência e probabilidade de CV no PE,  
segundo a variável idade/escolaridade

<b>Idade/escolaridade</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>
Jovem/ensino superior	204/216	94%	.61
Velho/ensino superior	158/170	92%	.59
Jovem/ensino fundamental	171/191	89%	.30
Velho/ensino fundamental	209/230	90%	.49
<b>Total</b>	<b>742/807</b>	<b>91%</b>	

#### 4. Considerações Finais

Neste artigo, procuramos apresentar os resultados da investigação e do mapeamento do fenômeno da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE em uma amostra sincrônica do século XXI.

Os resultados gerais confirmam uma de nossas hipóteses com o PE mostrando-se mais conservador na marcação da concordância verbal, apresentando frequências maiores de marcas explícitas de plural nos verbos do que as frequências encontradas no PB.

No que se refere aos resultados da análise estatística do PB e do PE, estes confirmam outra de nossas hipóteses indicando que a variação do fenômeno da concordância verbal é condicionada muito mais por grupos de fatores linguísticos do que extralinguísticos.

Diante dos resultados, observamos diferenças e semelhanças em relação à análise das amostras do PB e do PE.

Primeiramente, em relação às variáveis linguísticas selecionadas, constatamos que no PB a saliência fônica e o paralelismo formal foram as variáveis mais relevantes no condicionamento da CV, variáveis que não foram selecionadas para a amostra do PE. Por outro lado, as variáveis traço humano no sujeito, posição do sujeito em relação ao verbo e tipo de verbo foram selecionadas para ambas as amostras, com o sujeito com traço [- humano] e posposto ao verbo como desfavorecedor da marcação da CV tanto para o PB, quanto para o PE.

Em relação à variável tipo de verbo, observamos algumas particularidades. No PE, os verbos copulativos mostraram-se ambientes desfavorecedores da marcação da CV, e no PB os verbos inacusativos é que apresentaram tal comportamento. No entanto, ao fazermos uma análise mais refinada dos dados do PE com verbos copulativos, verificamos que algumas construções sintáticas do PE são bastante particulares, diferindo das do PB, como se tivéssemos aí sujeitos deslocados, em uma posição de tópico, por exemplo, distinção que não foi considerada na nossa análise. Quando fizemos rodadas excluindo o fator cópula para a variável tipo de verbo, a seleção dos grupos de fatores ficou bastante diferente, tendo, inclusive, a saliência fônica selecionada como estatisticamente relevante no condicionamento da concordância, o que nos faz pensar que, talvez, existam particularidades nas construções com esses verbos do PE que não foram levadas em conta, e que pretendemos investigar futuramente.

Partindo da abordagem teórico-metodológica da TVML e da Dialetoлогия Pluridimensional, acreditamos ter contribuído com essa pesquisa para a descrição do português falado no Brasil e em Portugal, à medida que confirmamos resultados de estudos sobre a concordância verbal de terceira pessoa do plural com outras amostras da língua portuguesa.

## 5. Referências

- BAXTER, Alan N. Transmissão geracional irregular na história do português brasileiro – divergências nas vertentes afro-brasileiras. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, n.14, dez. 1995.
- BELLMANN, G. Variação e devariação. *Cadernos de Tradução do Instituto de Letras da UFRGS*. Porto Alegre, n. 4, p. 7-20, 1999.
- BERLINCK, Rosane. *A ordem V SN no português do Brasil: sincronia e diacronia*. Campinas, 1988. Dissertação de Mestrado, UNICAMP.
- CARDOSO, Caroline Rodrigues. *Variação da concordância verbal no indivíduo: um confronto entre o lingüístico e o estilístico*. Brasília, 2005. Dissertação de Mestrado, UNB.
- CARRILHO, Ernestina. Ainda a “unidade e diversidade da língua portuguesa”: a sintaxe. In: Ivo Castro e Inês Duarte (eds.) *Razões e Emoção: miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mateus*. Vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 19-42, 2003.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Padrões Sociolingüísticos*. [1972] Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LEMLE, Miriam; NARO, Anthony Julius. *Competências básicas do português*. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) e Fundação Ford, 1977.
- LIRA, Solange de Azambuja. *Subject postposition*. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, 2(1): 17-36, 1986.
- LUCCHESI, Dante. Parâmetros sociolingüísticos do Português do Brasil. *Revista da Abralín*, vol. 5, no. 1 e 2, dez. 2006.
- MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. *Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos*. Florianópolis, 2001. Dissertação de Mestrado, UFSC.
- NARO, Anthony Julius. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, 57 (1): 63-98, 1981.
- NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Origens do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- PEREIRA, Deize Crespim. *Concordância verbal na língua falada nas trilhas das bandeiras paulistas*. São Paulo, 2004. Dissertação de Mestrado, USP.
- PONTES, Eunice Souza Lima. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo : Ática, 1986.
- RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (orgs.). *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Akten des Symposiums Empirischen Dialektologie (Heidelberg/Mainz, 21-24.10.1991), Kiel: Westensee-Verlag, p. 25-49, 1996.
- ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. *GoldVarb 2001: a multivariate analysis application for Windows*. Disponível em: <http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb>.
- RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. São Paulo, 1987. Dissertação de Mestrado, PUC-SP.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. Paralelismo lingüístico. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG. 7(2): 29-59 jul/dez de 1998.
- \_\_\_\_\_. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. *D.E.L.T.A.*, 9(1): 1-14, 1993.

- \_\_\_\_\_. A concordância de número no Português do Brasil: um caso de variação inerente. In: HORA, Dermeval. (org.) *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997.
- \_\_\_\_\_. Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português. *Fórum Lingüístico* : Pós-Graduação em Lingüística, UFSC. Florianópolis : 1 (45-71), 1998.
- THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: *International Congress of Romance Linguistics and Philology*. Atti del XXI Congresso Internazionale di Lingüística e Filologia Romanza. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, p. 701-729, 1998.
- VAREJÃO, Filomena de Oliveira Azevedo. *Variação em estruturas de concordância verbal e em estratégias de relativização*. Rio de Janeiro, 2006. Tese de doutorado, UFRJ.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].